

Atena
Editora
2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8	79
PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO	
Leonice Rosa da Cunha Abreu Zenaide Lima de Sousa Elio Ferreira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.9261905028	
CAPÍTULO 9	82
RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI	
João Batista Romualdo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.9261905029	
CAPÍTULO 10	87
UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES	
Hinara Dias Juca Leididaiane Inácio de Sá Ana Técia de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.92619050210	
CAPÍTULO 11	95
VIDA E MORTE QUILOMBOLA	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.92619050211	
CAPÍTULO 12	109
LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA	
Sérgio Rodrigues de Souza Liliane Rodrigues de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.92619050212	
CAPÍTULO 13	116
VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS	
Cláudio José Araújo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050213	
CAPÍTULO 14	124
CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO	
Terezinha Richartz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050214	
CAPÍTULO 15	133
HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA	
Deyse Morgana das Neves Correia	
DOI 10.22533/at.ed.92619050215	

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Viriândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosiléa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES

Hinara Dias Juca

Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato, Ceará, Brasil.

Leididaiane Inácio de Sá

Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato, Ceará, Brasil.

Ana Técia de Lima

Faculdade Integrada de Picos – FIP. Crato, Ceará, Brasil.

RESUMO: O presente estudo trata-se de um projeto pedagógico, que procurou visibilizar a importância de intervenções pedagógicas voltadas para aplicabilidade da Lei 10.639/03, em uma escola da rede particular de ensino, na cidade de Crato, Ceará. Tivemos como objetivo, ampliar os aprendizados trazidos pelas oficinas de afrosaberes, para que assim possamos então despertar em todos que fazem parte do processo, inclusive as crianças que se dizem “brancas” e as negras que se desconhecem ou negam a beleza de ser negro, o sentimento de pertencimento, reconhecimento e valorização da negritude. Utilizou-se como recurso metodológico, a realização de oficinas onde usamos intervenções baseadas no Filme Kiriku e a Feiticeira, na literatura infanto-juvenil com a leitura de Betina, apresentação de símbolos Adinkras, finalizando com personalidades negras focando em Zumbi dos Palmares,

durante todo o mês de novembro de 2016, com duas turmas de infantil V, da referida escola. Tivemos como referenciais teóricos as autoras Nilma Lino Gomes, Sandra Petit, Geranilde Costa, entre outros. O encerramento do projeto se deu com entrega de portfólios individuais com os materiais produzidos durante a realização do projeto. Foi possível observar que tivemos resultados positivos, onde promovemos práticas pedagógicas que valorizaram a cosmovisão africana, as africanidades em sala de aula, lutando diariamente pelo combate ao racismo no cotidiano escolar. Diante do que foi exposto, conclui-se que é necessário assumir esse compromisso político social, lutando pela implementação da Lei 10.639/03.

PALAVRAS-CHAVE: Lei 10.639/03. Intervenções. Educação.

ABSTRACT: The present study is about a pedagogical project, which sought to make visible the importance of pedagogical interventions aimed at the applicability of Law 10.639 / 03, a private school in the city of Crato, Ceará. We aimed to broaden the learning brought by Afro-Brazilian workshops, so that we can then awaken in all those who are part of the process, including children who call themselves “white” and black women who are not aware of or deny the beauty of being black, the sense of belonging, recognition and appreciation of blackness. We

used as a methodological resource, workshops where we use interventions based on the Kiriku Movie and the Sorceress, in the children's literature with the reading of Betina, presentation of Adinkras symbols, ending with black personalities focusing on Zumbi dos Palmares, throughout the month of November of 2016, with two classes of children V, of said school. We had as theoretical references the authors Nilma Lino Gomes, Sandra Petit, Geranilde Costa, among others. The closure of the project occurred with the delivery of individual portfolios with the materials produced during the project. It was possible to observe that we had positive results, where we promoted pedagogical practices that value the African worldview, africanities in the classroom, fighting daily to combat racism in school everyday. In light of the foregoing, it is concluded that it is necessary to assume this social political commitment, fighting for the implementation of Law 10.639 / 03.

KEYWORDS: Law 10.639 / 03. Interventions. Education.

1 | INTRODUÇÃO

A escola brasileira ao implementar na sua proposta pedagógica uma educação antirracista, além de ser de fato um direito social pra todos, deve também respeitar e reconhecer as diferenças. Com essa dupla função, a escola, desde a educação básica até o ensino superior, torna-se responsável por construir práticas e iniciativas que sejam eficazes no combate ao racismo e à superação das desigualdades raciais.

A instituição escolar tem o compromisso de desconstruir e desmistificar as concepções errôneas sobre a população negra. Esta instituição como produtora de saberes e mediadora de conhecimentos precisa contar a história negada sobre o povo afro-brasileiro como direito que nos foi recusado ao longo da história (SILVA, 2012). O autor coloca ainda que, sendo assim:

Manifesta ser um espaço onde se trabalha com a igualdade/diferença, a realização de uma renovação pedagógica e na materialidade e metodologia do seu trabalho, inserir os estudos afros não apenas nos conteúdos em datas simbolicamente comemorativas, mas, enquanto uma ação permanente permeando todo o currículo escolar. A escola precisa oficializar no seu currículo, no projeto político pedagógico, estudar a nossa história por outra vertente, afim de que a mesma possa cumprir sua função humanizadora. (ibid. p. 14).

Trazer o assunto para dentro do contexto escolar é fundamental para compreender como se dão as relações raciais no interior da escola, visto que este espaço marca o processo de socialização. Sabe-se que os posicionamentos sobre as questões raciais são aprendidos e internalizados desde a infância, quer seja no âmbito familiar, social e/ou escolar, mas o silêncio no espaço escolar torna impossível que a criança negra possa construir uma identidade positiva. A este respeito, Gomes (1995) nos convida a refletir sobre o ambiente escolar, no qual a criança negra se depara com uma cultura baseada em padrões brancos, como também, há a inexistência de materiais didáticos.

Diante do exposto, o não posicionamento dos professores torna-se um ponto marcante.

Com isso, cabe a nós educadores modificar o cotidiano dessas crianças no ambiente escolar, fazendo com que haja um processo de reconhecimento da negritude, pois assim teremos a oportunidade de educá-las para que mantenham uma boa convivência, promovendo o respeito e o reconhecimento das diferenças, trazendo conteúdos e intervenções que venham abordar a história e cultura africana sem estereótipos e preconceito. Nesse sentido, Lia (2009) nos traz uma discussão importante quanto à formação de professoras e professores, pois a escola deve propiciar aos mesmos uma formação que dê conta da complexidade da cultura e da formação humana, desenvolvendo assim a sensibilidade nos educadores para as experiências discriminatórias sofridas por alunos e alunas negras no cotidiano escolar.

O desejo permanente de refletir sobre a temática negra no ambiente escolar justifica-se no compromisso do professor estar sempre formando cidadãos livres de sentimentos de racismo (CAVALLEIRO, 2001, p. 141). Como educadora mulher e negra, venho fazendo parte dessa trajetória, com o compromisso de eliminar o racismo assim como também outras manifestações de discriminações no ambiente escolar, objetivando que a escola onde atuo se torne um ambiente onde as vivências diárias sejam reconhecidas como positivas. Cavalleiro (2001) nos convida a refletir sobre como reconhecer e enfrentar o racismo, o preconceito e a discriminação no espaço escolar. Na opinião da autora, a forma como nos relacionamos com nossos alunos e alunas é fundamental para efetivarmos uma educação antirracista.

Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a trazer para sala de aula, oficinas de afrosaberes, observando como se dá as relações étnico-raciais em duas turmas de infantil V, ampliando assim, os aprendizados trazidos pelas vivências durante a realização do projeto, para que assim possamos então despertar em todos que fazem parte do processo, inclusive as crianças que se dizem “brancas” e as negras que se desconhecem ou negam a beleza de ser negro, o sentimento de pertencimento, reconhecimento e valorização da negritude.

O local de realização das oficinas foi uma escola da rede particular de ensino, nas turmas do Infantil V A/B. Por já estar atuando na turma, utilizei as aulas para efetivar o projeto. Durante o mês de novembro, em 2016, estive desenvolvendo intervenções nas quais realizei atividades didáticas com o intuito de proporcionar às crianças ampliação de seus conhecimentos referentes aos valores étnicos.

2 | OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DO PROJETO

Para a consolidação do referido trabalho, busquei seguir passos metodológicos que atendessem à temática em questão. Como nos diz Cunha Jr (2007), na metodologia afrodescendente o pesquisador é conhecedor da cultura de base africana, que tendo este conhecimento, o mesmo tem o desejo de romper com as formas de hegemonia

do pensamento eurocêntrico, focando na transformação da realidade racista a qual a sociedade brasileira está inserida. Com isso, o pesquisador observa a realidade e se insere nela, com o objetivo de ultrapassar o campo da neutralidade.

Em consonância com Rocha (2008), acredito que ao estudar o segmento negro, devemos atentar para visualizá-los com consciência e dignidade, enfatizando as contribuições sociais, econômicas, culturais, seus pontos positivos e negativos, experiências, estratégias e valores. Pois tratar a temática com superficialidade, folclorizando sua cultura, dando ênfase apenas aos aspectos referentes a seus costumes, alimentação, vestimentas ou rituais festivos é um equívoco que não pode acontecer no ambiente escolar. Devemos levar os alunos a construir posicionamentos críticos e de ações reflexivas da realidade em que estão inseridos, com isso eles aprenderão conceitos, analisarão fatos e poderão ser capacitados para intervirem nas suas realidades, com a finalidade de transformá-la.

Numa experiência vivenciada, pela primeira vez, como professora de uma turma da Educação Infantil, da rede particular de ensino da cidade de Crato – CE, foi possível colher algumas impressões bastante relevantes, e que foram de suma importância para a operacionalização do projeto. O projeto intitulado “Uma África viva em sala de aula: oficinas de afrosaberes” foi desenvolvido – no mês de Novembro de 2016 – na perspectiva de uma proposta de intervenção pedagógica para superação do racismo no cotidiano escolar, o mesmo foi realizado nas turmas do Infantil V – A/B - no período da manhã da referida escola.

Ressalto que antes de dar início ao projeto, aproveitamos uma reunião bimestral que iria acontecer, para realizar uma apresentação do projeto para os pais, onde a não aceitação foi mínima, a preocupação de alguns era se iríamos abordar religiosidade africana nas aulas.

As atividades foram desenvolvidas por meio de intervenções pedagógicas, que permitiam que os alunos expressassem suas percepções sobre o assunto, podendo entrar em contato, também, com a realidade subjetiva que influenciava suas ações. O projeto foi realizado tendo como base a proposta da lei 10.639/2003 – que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.

3 | DAS OFICINAS DE AFROSABERES

Quebrar o silêncio que está posto nas relações raciais no cotidiano escolar é nosso desafio, e que as intervenções utilizadas nesse projeto sejam apresentadas como sugestões e informações importantes e necessárias de uma forma lúdica e prazerosa. Passaremos então a relatar alguns acontecimentos ocorridos no decorrer do projeto.

Para dar início aos trabalhos em sala de aula, primeiramente foi pensado nos

temas e conteúdos que seriam trabalhados, como, por exemplo, a disponibilidade das turmas, pois só tínhamos as sextas feiras para a realização do projeto, ou seja, o mesmo foi realizado por meio de quatro oficinas, onde ao final de cada oficina teríamos produções artísticas, para montagem de um portfólio individual para ser entregue na culminância.

Foram trabalhados alguns conteúdos relacionados à temática em estudo, tais como: conhecendo um pouco sobre a África; diversões e costumes africanos; identidades diferentes: heróis de todo mundo; quilombos como patrimônio cultural Afro-brasileiro; literatura infanto-juvenil de base africana: Betina e trouxemos também um pouco das memórias de Baobá.

Assim, quanto às observações foquei inicialmente no comportamento e atitudes das crianças em sala de aula, em relação ao ser negro, ao preconceito e a ideia que tinham da cultura africana, pelo fato de algumas crianças apresentarem um sentimento de não pertencimento a essa afrodescendência brasileira. Portanto, de acordo com Rocha (2008), um maior conhecimento sobre palavras, expressões e visões históricas deturpadas – ou não contadas pela historiografia oficial – sobre o povo negro é essencial para uma intervenção pedagógica positiva no ambiente escolar, diante das questões raciais. Com isso busquei sempre manter uma abordagem simples, mas essencial, que pôde apontar caminhos para um melhor entendimento dos alunos e levar a uma busca de ampliação e aprofundamento maior dos mesmos, sobre as questões raciais.

As oficinas de Afrosaberes foram decididas da seguinte maneira: iniciamos com a contação de história da literatura infanto-juvenil “Betina – Nilma Lino Gomes”, trazendo a questão da identidade e da importância do cabelo negro, com presença de uma boneca de pano negra, convivendo diariamente com as crianças de forma positiva. Esta oficina foi um sucesso, sendo que as crianças ficaram encantadas com o desdobramento da história contada e a beleza de Betina ao reverenciar seus cabelos e os das outras pessoas no decorrer da história, os desenhos realizados para representar Betina ficaram, lindos e não fugiram da sua real identidade negra.

Seguimos com a apresentação do filme “Kirikú e a Feiticeira”, uma animação que retrata as comunidades quilombolas e suas crenças e costumes. Após apreciação do filme realizamos uma conversa onde foi explicado que Kiriku faz parte de uma cultura diferente da nossa, mas que teve e tem grande influência no Brasil. Logo em seguida houve um debate sobre a cultura, os costumes, os personagens e suas particularidades. Finalizando com uma reprodução através de desenho dos personagens principais do filme.

Partimos então para a quarta oficina, de arte africana com a Simbologia Adinkra, que retrata os valores civilizatórios dos povos africanos. A proposta dessa intervenção foi conhecer um pouco mais sobre as tradições africanas através dos símbolos Adinkras, dentre os saberes desenvolvidos pelos akan – grupo cultural presente no Gana, Costa do Marfim e no Togo, países da África do Oeste – destaca-se a utilização de um sistema de símbolos para transmitir ideias. Cada símbolo está associado a um provérbio ou

ditado específico, enraizado na experiência dos akan. Os conjuntos desses símbolos, chamados *Adinkra*, formam um sistema de preservação e transmissão dos valores acumulados pelos akan. Inicialmente apresentamos a importância dos símbolos para as tradições africanas, ressaltando que os africanos estão entre os primeiros povos que desenvolveram a escrita. Após esse momento de leitura, apresentamos um slide que trazia um sistema de símbolos e conceitos transmitidos através de ideogramas ou objetos. Finalizamos essa intervenção com uma produção artística. Cada criança escolheu um símbolo para ser representado/pintado, onde seria desenhado o símbolo escolhido e seus significados viriam escritos na linguagem africana, como também na brasileira.

Finalizando com a apresentação e estudo, de uma das principais personalidades negras, que lutou pela liberdade dos negros, “Zumbi”. Após as crianças conhecerem, por meio de uma roda conversa, e exibição de imagens, Zumbi, foi desenhado em lixas, representando a rusticidade, tendo como resultado trabalhos originais e belíssimos, sem fugir da essência.

Durante a execução do referido projeto, pudemos perceber que as crianças estavam muito surpresas e curiosas com a temática apresentada. Desde um breve estudo sobre o continente africano com o qual, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer um pouco a respeito dessa cultura, em que local está localizado, como vivem essas pessoas, do que vivem, algumas de suas tradições, dando ênfase as riquezas naturais e entre outros aspectos relevantes, tudo respaldado na valorização dessa população, diferentemente do que as crianças estão acostumadas a ver e ouvir.

Na culminância, preparamos os trabalhos, em pastas individuais, montando portfólios, onde nos mesmos, descrevíamos cada atividade desenvolvida durante a realização do projeto, seguida das produções.

Podemos perceber que o sucesso dos trabalhos, é resultado do trabalho de educadoras comprometidas com o seu fazer profissional, mostrando-se atentas para as ações desenvolvidas, principalmente quanto às relações étnico-raciais estabelecidas no cotidiano escolar.

Com isso, podemos concluir que a aplicação das intervenções durante a realização do projeto mostrou-se comprometida quanto ao dever de reconhecer positivamente a criança negra, pois como afirma Cavalleiro (2003), é indispensável à realização de um trabalho que promova o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças, como também, a possibilidade de falar sobre elas, sem receio e sem preconceito.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar o assunto é de fundamental importância, pois reconhecer o preconceito racial escolar e combatê-lo faz com que possamos educar as crianças para que convivam harmoniosamente. Com isso, apresentamos intervenções pedagógicas com

o intuito de promover a construção de uma prática pedagógica que respeite e valorize as diferenças raciais, fazendo com que haja uma libertação de todas as formas de preconceito e de discriminação no cotidiano escolar.

Compete à escola, instituição importante no combate ao racismo, disponibilizar material didático e de apoio que aborde uma educação antirracista, como também formação contínua para os educadores, para que utilizem de forma crítica o livro didático, possibilitando aos alunos que são atingidos pelo preconceito a reconquista de uma identidade positiva e uma valorização da cultura e do legado afro-brasileiro.

Nesse sentido, durante a realização das intervenções, buscamos a concretização de uma educação antirracista e que respeitasse a diversidade, tudo baseado na Lei 10.639/03, pois implementar ações afirmativas é também assumir um compromisso político social.

Vale ressaltar que as intervenções citadas acima não são modelos para serem seguidos à risca, deve-se levar em consideração a criatividade do educador, utilizando-as como desejar, nunca esquecendo de que é necessário promover o respeito mútuo, o reconhecimento das diferenças, fazendo com que as aulas venham a valorizar o pertencimento racial, a cultura, o corpo e o jeito de ser.

Foi isso que a realização do projeto: Uma África viva em sala de aula: oficinas de afrosaberes possibilitou aos alunos – brancos e negros –, um reconhecimento do ser negro e com isso saíram do Infantil - V fortalecidos. Com as sementes lançadas, basta agora de continuarem as cultivando.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *DCN's para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BRASIL. *DCN- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

BRASIL. *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). *Racismo e Anti-Racismo na Educação: Repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2003.

CUNHA Jr, Henrique. *Metodologia Afrodescendente de pesquisa*. Maceió: EDUFAL – Editora da Universidade Federal de Alagoas, 2007.

GOMES, Nilma Lino. *A mulher negra que vi de perto*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

GOMES, Nilma Lino. *Betina*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

ROCHA. Rosa Margarida de Carvalho. *Almanaque pedagógico afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Mazza,

2008.

SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: Alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e Anti-Racismo na Educação: Repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SILVA, Samuel Morais. *O olhar afro-pedagógico na construção da identidade negra no projeto nagô*. Crato, 2012.

SOUSA, Andréia Lisboa. A representação da personagem feminina negra na literatura Infanto-juvenil brasileira. In: *Educação anti-racista caminhos abertos pela lei Federal 10.639/03/ secretaria de Educação CONTINUADA, Alfabetização e diversidade*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

